

Evento ou Movimento? O movimento Estudantil do Interior Paulista (1958 – 1968)

Glauber Leão Delfim Costa

Resumo: No conturbado período da História do Brasil conhecido como Ditadura Militar (1964-1985), os estudantes eram representados pela União Nacional dos Estudantes, a UNE. Fundada na década de 1930 essa entidade tinha por objetivo lutar politicamente pelos direitos do alunado em nível nacional.

A história nos coloca que a UNE foi a grande representante dos estudantes durante a Ditadura Militar, e de fato o foi. Todavia é possível observar que a UNE não era a única representante dos estudantes, uma vasta quantidade de diretórios e centros acadêmicos existiam na base da estrutura do movimento estudantil. É dar uma face a esse movimento que procuro nessa pesquisa.

Não há aqui a intenção de diminuir a importância da UNE, muito pelo contrário, há sim a intenção de desvelar essa movimentação estudantil que, de acordo com as fontes encontradas, não eram necessariamente alinhadas à grande entidade nacional. Dar um perfil, mesmo que ainda tênue, a essa memória universitária pode contribuir para ampliar as bases dos estudos sobre o movimento estudantil, clareando um lado ainda carente de estudos.

A discussão portanto perpassa por questões como memória, principalmente como constituinte de uma identidade (Pollack, 1992), pelo enquadramento do movimento estudantil em um movimento social (Gohn, 2007), pelo rastreamento da história das universidades brasileiras da capital e interior (Cunha, 2007 e Vaidergon 1995), pelo estudo da história do próprio estado de São Paulo (Odália, 2010), pelo aprofundamento do movimento estudantil (Fávero, 2009 e Pelegrini, 1998) e finalmente pelo levantamento documental relativo ao movimento (Rezende, 2003).

O projeto é recente mas já pode identificar algumas diferenças entre o grande movimento da UNE e o movimento do interior paulista, a principal delas é o não alinhamento às ações da União, o que torna difícil identificar qual é a identidade desse movimento tão heterogêneo.

O recorte temporal escolhido para essa pesquisa tem um motivo. Primeiro 1958 é o ano de fundação da maioria dos Institutos Isolados de Ensino Superior no Estado de São Paulo. 1968 foi escolhida por ser um ano tão decisivo no Brasil e no mundo, mas o motivo principal foi a criação do Ato Institucional nº 5 onde o endurecimento fatal da ditadura leva a uma reação proporcional do movimento estudantil.

Portanto neste projeto de pesquisa busco entender como é o perfil desses movimentos de base, buscando responder como esse movimento se relacionava à UNE e à UEE, quais eram as ideologias que motivavam esses alunos, como eles enxergavam à si mesmos e ao movimento estudantil em termos de configuração identitária e por fim como se pode classificar o movimento estudantil dentro de um movimento social.

Palavras Chave: Memória, Movimento Estudantil, Interior Paulista.

Fragmentos de memória e rastros de uma identidade estudantil

Não posso começar este trabalho sem apresentar o projeto de extensão desenvolvido na Universidade Estadual Paulista¹ titulado Fragmentos de Memória e Rastros de Uma Identidade Estudantil. UNESP/Assis 1958 – 2009².

O projeto foi idealizado em 2008 quando um grupo de estudantes³ começou a questionar qual era a importância do seguimento estudantil para a universidade e seu papel dentro da sociedade? A medida que as questões foram aprofundadas chegou-se ao seguinte questionamento: é possível identificar uma memória e uma identidade estudantil? Como um projeto de extensão ele não visa responder a essa pergunta, visa de fato dar aos estudantes o direito de buscarem uma resposta. Portanto além de incentivar os estudantes a ocuparem seu espaço de direito na memória institucional das universidades o projeto desenvolve pesquisas nas áreas de memória, arquivo e movimentos sociais.

Quando o segmento estudantil é mencionado em estudos diferenciados, o seu movimento político é, na maioria das vezes, a principal temática, por hora, em minhas pesquisas ainda não encontrei nenhuma bibliografia que mencionasse tal segmento de outra maneira. É quase natural. Todavia para se compreender a identidade estudantil foi necessário abranger essa visão, temas como vestibular, manifestações culturais, intervenções sociais e até mesmo as repúblicas estudantis e festas universitárias se tornaram tão importantes quanto o movimento estudantil.

Dessa maneira as atividades desse projeto buscaram demonstrar a vida estudantil tendo como foco a UNESP de Assis. Professores, ex-alunos e alunos se juntaram para trocar experiências e conhecimentos sobre assuntos que iam além das paredes da academia.

Outra proposta do projeto, mais próxima à minha pesquisa, foi a organização do Guia de Fontes da Memória Estudantil⁴. O guia tem por objetivo selecionar e organizar fontes relacionadas a vida estudantil, dessa forma pretende-se contribuir para novos estudos e para a formação de um programa de história oral sobre a vida estudantil, inclusive o movimento estudantil.

Atualmente o projeto está em seu segundo ano de produção, e pretende ampliar as sua área de alcance saindo da UNESP de Assis para as demais unidades dessa universidade e futuramente para todas as universidades brasileiras. Acredita-se que a divulgação da memória e da identidade desses alunos pode contribuir grandemente para o ressurgimento da participação ativa dos estudantes na sociedade e na universidade, dando a eles apoio na busca e no conhecimento de seus direitos.

Introdução e Metodologia

Portanto esse trabalho é um dos desdobramentos desse projeto de extensão universitária patrocinado pela PROEX⁵ do qual participei da gênese e do desenvolvimento. A participação em tal projeto me deu a oportunidade de indagar como se articulava o movimento estudantil do interior paulista sobretudo no Institutos Isolados de Ensino Superior⁶. Indagar como esse movimento local se articulava com o movimento nacional centralizado na figura da União Nacional do Estudante (UNE)⁷.

Sem dúvida nenhuma a UNE foi o pilar central da movimentação política dos estudantes, todavia minhas fontes me levam a crer que a União não conseguiu produzir um movimento único, as divergências políticas entre a Ação Popular⁸ e a UNE-Volante⁹ são apenas parte das várias divisões que disputavam a hegemonia na UNE.

Sabe-se que o braço da UNE nos estados eram as Uniões Estaduais Estudantis

(UEE's)¹⁰, uma de minhas hipóteses é que mesmo dentro dessas esferas estatais as disputas por hegemonia levavam o movimento à desunião. Tendo em vista esse cenário é que surge a problemática, como a UNE e as UEE's se articulavam com os movimentos do interior paulista? Para responder e entender essa pergunta parto inicialmente de um estudo de caso, baseado no movimento estudantil do IIEE de Assis tentando compreender como se portava diante das grandes questões nacionais em torno dos estudantes, como por exemplo a Lei federal 4464 de 9 de novembro de 1964 mais conhecida como lei Suplicy de Lacerda¹¹ que colocava a UNE na ilegalidade. Na verdade a Lei colocou todas as entidades estudantis na ilegalidade e deu prazos para que os Centros Acadêmicos se enquadrassem. A lei previa o esvaziamento político dessas entidades e criava uma nova entidade nacional o DNE (Diretório Nacional Estudantil)¹². O DNE é um exemplo de órgão que carece de estudos.

A dinâmica desse movimento local leva à uma discussão interna sobre o próprio movimento, a questão colocada aqui é: como o movimento estudantil enxerga a si mesmo? Para isso busco em Maria da Glória Gohn¹³ uma definição de movimento social para enquadrar ou não o movimento estudantil dentro do hall de movimentos sociais e/ou políticos. A discussão perpassa até mesmo pela consideração do que é e de como é constituída a memória de um movimento estudantil, tendo em vista que a memória é constituinte da identidade (Pollak, 1992) seja coletiva ou individual, a identidade do movimento estudantil como um movimento social, também vai colocar no movimento o seu próprio posicionamento político.

“Os estudantes não constituem uma classe social, mas uma categoria social composta por frações de classes; somente dessa forma podemos entendê-los”
(Fávero, 2009)

A UNESP de Assis

A UNESP de Assis foi fundada em 1958 juntamente com o que Vaidergon chamou de “As seis irmãs do Interior Paulista”¹⁴. Durante a toda a década de 50 uma das principais discussões pertinentes às instituições de ensino superior, especialmente a Universidade de São Paulo (USP), era a instalação ou não de institutos de ensino superior no interior paulista. O objetivo dessas instituições seria colocar os filhos da elite do interior paulista dentro das universidades sem precisar deslocá-los para a capital do estado. A USP foi contra. Alegando que haveria uma descentralização do ensino a USP não conseguiu desmotivar os interesses eleitoreiros das elites paulistas de terem em suas cidades institutos de ensino superior (Vaidergon, 1995). Foi nesse contexto que surgiram as seis irmãs.

O Instituto Isolado de Ensino Superior de Assis é o único mistério da criação desses institutos, pois:

“Mesmo a criação da FFCL¹⁵ de Assis poderia ser questionada em termo da importância regional da cidade. Alguns argumentos como o do professor Antônio A. Soares Amora, justificam a criação e mesmo a coincidência de cursos”. (Vaidergon, 1995).

A questão se dá pelo fato de que o IIES de Marília tinha os mesmos cursos que Assis, a menos de 70 km. Soares Amora¹⁶ defende que a diferença entre Assis e Marília era o enfoque dado, uma vez que Marília visava a formação de docentes enquanto Assis a de pesquisadores se espelhando diretamente no formato da FFCL da USP.

O Diretório Acadêmico XVI de Agosto¹⁷ e a UNE

A UNESP de Assis, portanto com a sua origem atípica era a menor unidade dos IIES, tanto na quantidade de cursos quanto na quantidade de alunos. Até 1963 o único curso que Assis possuía era o curso de Letras¹⁸ com cerca de 300 alunos, é nesse âmbito que é formada,

em 1959, a primeira gestão do Centro Acadêmico XVI de Agosto. O Curso de História foi fundado em 1963 e, apesar de recente, teve membros na composição do Centro Acadêmico.

1964 é um ano chave na existência de todos os Centros Acadêmicos do país. Após o golpe a UNE entra em ilegalidade e junto com ela todos os Centros Acadêmicos existentes, uma nova legislação regulamentava desde a nomenclatura, que agora se chamariam Diretório Acadêmico¹⁹, até as especificações de qual deveria ser a área de atuação dos movimentos estudantis, esvaziando o movimento de suas funções políticas. Estava em vigor a Lei 4464 de 9 de novembro de 1964, a Lei Suplicy de Lacerda. É desse documento que eu retiro uma de minhas hipóteses, o movimento estudantil do interior paulista não estava alinhado com a UNE.

A UNE reagiu mediante a sua ilegalidade:

“Entre algumas das iniciativas táticas apontadas pela UNE, constavam: não apresentar chapas e não participar das eleições; votar em branco ou de maneira que o voto fosse anulado, ou ‘Apresentar chapas e concorrer às eleições, com uma propaganda de não enquadramento à lei’, colocando, inclusive a possibilidade de renúncia do diretório após a eleição”. (Pelegri, 1998).

Nenhum documento ao qual tive acesso me leva a crer que o Diretório Acadêmico XVI de Agosto adotou alguma dessas práticas durante a eleição, muito pelo contrário, durante os anos seguintes havia mais de uma chapa concorrendo, nenhuma com a proposta de renunciar após a eleição, além disso, há, até certo ponto, uma adesão a Lei Suplicy de Lacerda. O Centro Acadêmico XVI de Agosto entra na legalidade como a lei previa, todavia, ainda é obscura a posição política desse movimento, ao meu ver o movimento não se fez sentir como a UNE, acatou a decisão da ditadura sem no entanto se alinhar a ela.

Nas demais regiões do interior paulista não foi diferente, na sequência ao trecho citado Sandra Pelegri coloca o posicionamento do jornal O Estado de São Paulo, favorável a decisão, e ainda coloca uma citação do Jornal sobre o assunto:

“A quase totalidade dos Centros Acadêmicos das Faculdades paulistas já registrou chapas para concorrer às eleições do próximo dia 16 o que representa, ao mesmo tempo acatamento às determinações da Lei Suplicy, e repúdio ao plano de boicote contra o dispositivo legal por remanescentes do esquema subversivo armado no setor universitário à época do governo Goulart”. Faculdade atacam a lei. O Estado de São Paulo, 12/08/65. (apud: Pelegri, 1998).

O Não alinhamento à UNE por parte dessas faculdades reforça a ideia de que a entidade não conseguiu unir o movimento estudantil num só bloco, nem mesmo conseguiu que o movimento construísse uma unidade para reagir à ditadura militar. Talvez as suas próprias dissidências barraram a disseminação das suas ideias para além das grandes capitais como é o caso de São Paulo.

“As incessantes discordâncias e cisões no cerne do movimento levaram a aflorar cerca de 43 grupos de diferentes tendências. Duas posições, todavia, se destacaram na luta pelo poder hegemônico da entidade”. (Pelegri, 1998).

O movimento estudantil da UNESP de Assis aparentemente não sofria com tantas influências fragmentárias, mas com certeza também não era um movimento único. Nas suas eleições eram comuns as inscrições de mais de uma chapa, geralmente apartidárias e desligadas das correntes da UNE.

No entanto documentos mais recentes mostram uma evolução positiva dessa relação, onde coloco uma hipótese. Se no começo da década de 1960 até meados de 1965 e 1966 o Diretório Acadêmico XVI de Agosto era indiferente à situação da UNE, no aproximar do ano de 1968 a simpatia foi aumentada, a medida que a Ditadura Militar mostrava sua verdadeira face. Em 1967 durante todo o ano várias moções de apoio foram enviadas à liderança da UNE, além disso em entrevista a prof. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa²⁰ nos conta que presenciou manifestações estudantis contrárias a alguns professores. Maria Ribeiro Valle comenta que:

“Os estudantes, na maioria pertencentes à classe média, encontram-se divididos no momento do golpe. Martins filho analisa a nítida separação entre a tendência política da massa estudantil – que defende posições liberal-elitista – e da 'vanguarda' estudantil – com posições à esquerda, formando um bloco antiimperialista e popular. No entanto embora haja relatos de ex-líderes estudantis admitindo seu apoio ao golpe militar, não podemos dizer que há um 'apoio ativo' do movimento estudantil ao mesmo”. (Valle, 2008).

Assim, uma das minhas hipóteses é que esse movimento do interior paulista ainda via a esquerda como golpista e antidemocrática (que de fato era em seus casos mais extremos). Essa visão era respaldada pela ideia de uma revolução democrático militar (que de fato não era). Portanto o Centro Acadêmico XVI de Agosto em 1964 teria ficado no meio de um fogo cruzado entre apoiar um movimento de esquerda todavia antidemocrático ou apoiar a direita democrática militar. Dessa forma sem tomar partidos a postura do Diretório Acadêmico²¹ de Assis foi de aderir às normas da ditadura não por ser militar ou direitista, mas sim por ser legalista e apartidário.

A Identidade era Social ou Política?

A identidade do movimento só pode ser construída através de sua memória, todavia este é um conceito muito frágil tendo em vista que a memória estudantil tem, supostamente, um prazo de validade devido a sazonalidade com a qual os alunos estão presentes dentro da universidade. A velocidade com a qual os alunos entram e saem tornam difíceis a construção de uma memória referencial para a construção de uma identidade específica.

Se para Michael Pollak:

“(…)a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”.(Pollack, 1992).

A imagem a qual Pollack se refere é dada na esfera pessoal, todavia acredito que isso também é válido para as relações de uma memória coletiva. Talvez seja por isso que é tão difícil classificar o movimento estudantil em um determinado tipo de movimento, político ou social, lembrando que eles não são excludentes. Na verdade essa é uma característica dos movimentos sociais latino-americanos. Segundo Maria da Glória Gohn um dos paradigmas dos movimentos latino-americanos é esse:

“Diversidade de movimentos sociais existentes; diferenciação interna entre eles quanto à formas de organização, propostas, projetos políticos, articulações, tipos de lideranças etc., resultando numa diversidade de movimentos em relação aos mesmos problemas. Disto resultou um cenário em que a diferenciação básica não é entre os novos movimentos sociais (questões de gênero, raça, sexo, ecológicas etc.) e antigos (movimento operário clássico), como na Europa; A diferença é entre novos (lutas pelas moradias e equipamentos coletivos em geral) e antigos movimentos populares (tipo sociedades amigos de bairros), onde imperavam práticas de cunho populista e clientelista. Observe-se que a diferenciação básica se dá na forma de fazer política, porque as articulações sempre existiram, tanto nos antigos como nos novos. Relações com a igreja, partidos e sindicatos sempre existiram, mas nos movimentos contemporâneos a relação é de outra natureza. As práticas e os repertórios também se alteram”. (Gohn, 2007).

Portanto é difícil construir uma identidade política ou social dentro de um movimento fragmentado tanto pelas articulações políticas (como no caso da UNE) como pelo pouco tempo em que o estudante passa como estudante.

Dessa maneira o movimento estudantil acaba se transformando em uma mistura de movimentos sociais e políticos variados, que não necessariamente se ligam aos paradigmas educacionais, a identidade dos estudantes passa então pelo âmbito pessoal de escolha de cada

aluno ativo em movimentos ou não.

O movimento estudantil passa então a integrar outros movimentos sociais e políticos ao ponto que o estudante ativo, não se reconhece como um estudante, mas sim como um membro de outros movimento ou classes sociais, como por exemplo o proletário.

É bom colocar que relembrar o passado e construir uma memória auxiliam a identificar uma identidade, mas não podem defini-la em seu estado atual. Tendo em vista a ideia básica da diferenciação entre passado e presente, se todo homem é um homem do seu tempo (Marc Bloch), também uma identidade só pode ser reconhecida pelo seu próprio tempo. Dessa forma dizer que a identidade estudantil atual é a mesma de 1968 é um anacronismo.

“A meu ver os episódios estudantis posteriores a 1968 carregam essa contradição. Ao mesmo tempo em que mitificam a 'geração 68', sentindo o peso de não terem feito parte de seus movimentos contestatórios – 'sede manifesta pelo passado' –, ainda desconhecem 1968 na sua singularidade passada – 'destruição da história'. Buscando sempre uma aproximação, muitas vezes anacrônica, com os episódios de 68, por estarem carregados desse 'presente contínuo', perdem, em um mesmo movimento, quer a especificidade do passado, quer a de seu próprio presente”. (Valle, 2008).

Considerações Finais

Quando os estudantes entram na pauta das discussões acadêmicas são raras as ocasiões em que são vistos com individualidade. Sempre lembrados pela sua luta política os estudantes carregam a estigma da União Nacional dos Estudantes. Não há dúvidas, a UNE foi o maior movimento político dos alunos antes e durante os anos de chumbo, todavia acabou por sublimar os movimentos que estavam fora da sua linha. A UNE não era, nem nunca fora, um movimento unificado, característica comum a qualquer movimento político, e portanto, acredito, que a falta de unidade enfraquecia a UNE.

Sem unidade a UNE mesmo com auxílio das UEE's e do Centro Popular de Cultura (CPC)²², não conseguiu se interiorizar e agregar os Centros e Diretórios Acadêmicos espalhados pelo interior do país. Pelo menos não no início da ditadura. Portanto, estudar os movimentos estudantis fora da capital nos dá dimensões ainda obscuras do que era e de como se articulava o movimento estudantil, somente assim podemos fazer uma história memorialística mais completa do segmento estudantil.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. *Movimento Estudantil e Consciência Social na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

BARCELLOS, Jalusa. *CPC da UNE: Uma história de Paixão e Consciência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CALDEIRA, J. R. De Castro (org.); ODÁLIA, Nilo (org.). *A história do Estado de São Paulo*. Vol. I, II e III. São Paulo: IMESP, 2010.

CAMARGO, C. Reis. *Os centros de documentação e pesquisa histórica: uma trajetória em três décadas anos*. In: CPDOC 30 anos. RJ, FGV, 2003.

CHARTIER, Roger. *O Mundo como representação*. In: *Revista Estudos Avançados*. São Paulo: USP, 1991, vol. 5, nº 11.

CUNHA, L. Antônio. *A Universidade Temporã: O ensino superior da colônia à era Vargas*. 2ªed. São Paulo: UNESP Editora, 2007.

_____. *A Universidade Crítica: O ensino superior na república populista*. 2ªed. São Paulo: UNESP editora, 2007

_____. *A Universidade Reformada. O golpe de 1964 e a modernização do ensino superior*. 2ªed. São Paulo: UNESP Editora, 2007.

DECCA, Edgar de. *1930, O Silêncio dos Vencidos: Memória História e revolução*. 6ªed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DEL MASSO, Maria Candida (org.); LOUREIRO, Isabel (org.). *Tempos de greve na Universidade Pública*. Marília: Unesp Marília Publicações, São Paulo: Cultura Acadêmica. 2001.

FÁVERO, M. de L. de Albuquerque. *A Universidade no Brasil: Das origens à reforma Universitária de 1968*. In: *Educar*. Curitiba: Editora UFPR, 2006, nº 28.

_____. *A UNE em tempos de autoritarismo*. Rios de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FERREIRA, M. de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 2008.

GARCIA, Miliandre. *Do teatro militante à música engajada: A experiência do CPC da UNE (1958-1964)*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2007.

GOHN, M. da Glória. *Teoria dos movimentos sociais*. 6ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GOULART, Silvana. *Patrimônio documental e história institucional*. São Paulo: Associação de Arquivistas do Estado da São Paulo, 2005.

ITAVO, M. C. de Faria. *As manifestações estudantis no campus de Assis, 1983 – 1995*. Mestrado. Assis: UNESP, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

MARX, Karl; ENGELS, Frederic. *O Manifesto do Partido Comunista*. Lisboa: Avante, 1975.

MOTTA, R. P. Sá. *Os olhos do regime militar brasileiro nos campi: A assessoria de segurança e informações das universidades*. In: *Revista Topoi*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, v.9, n.16.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: *Projeto História*. São Paulo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, dezembro de 1993.

- PEIXOTO, Fernando. *O melhor teatro do CPC da UNE*. São Paulo: Global, 1989.
- PELEGRINI, S. de C. Araújo. *A UNE nos anos 60: Utopias e Práticas Políticas no Brasil*. Londrina: Editora UEL, 1997.
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992, vol. 5, nº 10.
- _____. *Memória esquecimento e Silêncio*. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989, vol. 2, nº 3.
- REIS, D. Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- REZENDE, D. Sena. *A História na Mão: Periódicos universitários discentes paulistas entre 1964 e 1979*. vol. I, II e III. Doutorado. São Paulo: USP, 2003.
- SILVA, Z. Lopes. *Agenda dos 50 anos UNESP Assis: Por que comemorar?*. Assis: UNESP – FCL, 2008.
- SOTO, Ernesto; ZAPPA, Regina. *1968, Eles só queriam mudar o mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2008.
- VAIDERGORN, José. *As Seis Irmãs: As faculdades de filosofia, ciências e letras – institutos isolados do ensino superior (1957 – 1964)*. Doutorado. UNICAMP, 1995.
- VALLE, Maria Ribeiro do. *1968: O diálogo é a violência*. Campinas: Editora Unicamp, 2008.
- VENTURA, Zuenir. *1968: O ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

-
- ¹ No caso a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho na Faculdade de Ciências e Letras de Assis.
- ² O projeto é coordenado pela Dra. Célia Reis Camargo (professora do departamento de História de UNESP de Assis) no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) da Faculdade de Ciências e Letras de Assis.
- ³ Os autores do projeto foram Derlei Alberto dos Santos (aluno do curso de psicologia), Felipe Bueno Crispim (aluno do curso de história) e Glauber Leão Delfim Costa (aluno do curso de história).
- ⁴ O guia ainda está em fase de construção e será lançado digitalmente.
- ⁵ Pró-reitoria de Extensão da UNESP.
- ⁶ IIES – Os Institutos Isolados foram criados entre as décadas de 1940 e 1950. Segundo José Vaidergorn os institutos foram criados para educar a elite do interior paulista sem que essa elite necessitasse se deslocar para a capital. Foram transformados em UNESP pela Ditadura Militar em 1975 com o intuito de desarticular movimentos e formar professores.
- ⁷ A UNE foi fundada no dia 11 de Agosto de 1937 na ocasião do 1º Congresso de Estudantes. Houveram tentativas anteriores, mas nenhuma com sucesso.
- ⁸ A Ação popular foi um movimento iniciado em 1962 pela Juventude Universitária Católica (JUC), que propunha a implantação de um socialismo humanista.
- ⁹ A Une-Volante foi um movimento criado em 1961 que pretendia popularizar as mobilizações estudantis.
- ¹⁰ A data de fundação das Uniões Estaduais Estudantis variam de Estado para Estado, no caso de São Paulo foi fundada em 1954.
- ¹¹ Suplicy de Lacerda era o ministro da educação na época da edição da lei.
- ¹² Em 1968 o DNE foi extinto pela própria ditadura militar através da Lei Aragão.
- ¹³ GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais*. 6ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

- ¹⁴ José Vaidergorn chama de “Seis Irmãs” os Institutos Isolados de Araraquara, Assis, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro e São José do Rio Preto. Todas transformadas em UNESP na década de 1970.
- ¹⁵ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- ¹⁶ Soares Amora foi um dos fundadores e professor do departamento de Letras do IIES de Assis, além de ter sido o primeiro diretor da unidade.
- ¹⁷ O Diretório Acadêmico XVI de Agosto foi fundado em 1959 na data que da nome ao Diretório, 16 de agosto. Coincidentemente a Lei Suplicy de Lacerda exigiu que as eleições de todos os Diretório ocorressem no dia 16 de Agosto.
- ¹⁸ Os cursos da Unesp de Assis: Letras a partir de 1958, História a partir de 1963, psicologia a partir de 1966, filosofia a partir de 1968 (transferido para Marília em 1975), Biologia a partir de 1990 e Biotecnologia a partir de 2003 (transformado em Engenharia Biotecnológica em 2008).
- ¹⁹ Atualmente as estruturas das entidades estudantis se dividem em vários níveis independentes, partindo dos Centros Acadêmicos (que atuam na esfera dos cursos, não mais na esfera da faculdade) até a UNE.
- ²⁰ A Prof. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa foi professora do departamento de História da UNESP de Assis e foi a fundadora do Centro de Documentação e Apoio a Pesquisa (CEDAP) em Assis e do Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM). Hoje, aposentada, trabalha como voluntária na UNESP coordenando o projeto Memória UNESP que é uma das fontes de inspiração do projeto “Memória do Estudante”. A entrevista em questão foi dada em função da I Jornada da Memória do Estudante realizada em dezembro de 2010.
- ²¹ Aqui vale a pena uma nota: A denominação Centro ou Diretório se alterou após a lei Suplicy de Lacerda, portanto é anacrônico falar em Centros Acadêmicos após o ano de 1964 a menos que tal Centro tenha acatado a proposta da UNE de boicotar a lei.
- ²² O CPC da UNE teve duas edições, a primeira em 1962 a segunda em 1963. Visavam popularizar as ações estudantis através da cultura. O CPC não era necessariamente subordinado à UNE, tanto que em uma de suas peças, “A vez da recusa” para ser mais exato, critica as ações do próprio movimento. Essa peça gerou uma cisão entre o grupo e a UNE que para a segunda edição do CPC teve que contratar atores. “A vez da recusa” e o “Auto dos 99%” são duas das principais peças do CPC.